



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS

**Violência Doméstica e Direitos Humanos IV**

Estamos no mês da Páscoa e convém esclarecer o que diz a Sagrada Escritura. Voltando ao problema das decisões enviesadas produzidas nos tribunais portugueses, neste nosso “país do Neto de Moura”, vamos considerar o acórdão redigido pelo juiz-desembargador Neto de Moura, e assinado pela colega Maria Luísa Arantes, em que se condena a “mulher adúltera” e se cita a Bíblia.

O acórdão em causa resultou na manutenção da pena suspensa a um homem que tinha agredido a mulher com um pau cravejado de pregos, acusando-a de adultério. Lembro que este se juntou ao homem adúltero para atacar a mulher. Em vez de se virar contra o macho que o tinha agredido, ataca a mulher, tal é o compadrio masculino.

Neste acórdão, os magistrados alegam que a sociedade sempre condenou a mulher adúltera e “vê com alguma compreensão a violência exercida pelo homem humilhado pela mulher” e justificam este discurso machista, dizendo que “na Bíblia podemos ler que a mulher adúltera deve ser punida com a morte”.

Ora, no Novo Testamento, no Evangelho de São João, 8, os fariseus confrontam Jesus com uma mulher adúltera, alegando que ela deve ser apedrejada, altura em que Jesus profere a bem conhecida frase: “Quem nunca tiver errado que atire a primeira pedra”.

O Velho Testamento é bem mais punidor, e há textos para vários gostos. Mas em Levítico 20-10, ordena-se que ambos, o homem adúltero e a mulher adúltera, “serão punidos com pena de morte”. Com a Bíblia, é preciso cuidado, e bom senso. ♦

“Eu não sou um homem fácil” Regresso às Noites da Igualdade

No passado dia 29 de Março realizou-se a XIII Noite da Igualdade na delegação da UMAR-Açores Terceira

SARA SARROEIRA
UMAR.Açores Terceira

Numa noite com imensa e diversificada oferta cultural na ilha, foi uma agradável surpresa constatar a presença de mais de 30 pessoas que fizeram casa cheia no espaço da UMAR. A proposta da noite (sugerida à UMAR por Clara Polaino a quem a UMAR desde já agradece) foi assistir ao filme “Je ne suis pas un homme facile” (Eu não sou um homem fácil) de Eléonore Pourriat (2018) e a seguir conversar sobre ele.

Nesta comédia romântica temos a oportunidade de observar uma sociedade em que os papéis de género são invertidos e damos-nos conta no meio de gargalhadas e boa disposição, da desigualdade caricata que realmente existe.

A doutora Ana Arroz (psicóloga educacional e docente na Universidade dos Açores) gen-

**XIII Noite da Igualdade.****Moderação de Ana Arroz: “Je ne suis pas un homme facile” filme de Eléonore Pourriat em discussão reflexiva**

tilmente aceitou o convite para comentar o filme e moderar o debate. A conversa, bastante participada, passou por diferentes tópicos do tema igualdade de género: as desigualdades atuais, a partilha de tarefas domésticas, a prevenção, o papel da educação, o papel de cada um e cada uma de nós como agentes e mudança...

Esta noite contou ainda com a presença de Elisabete Brasil da

UMAR nacional, coordenadora do Observatório das Mulheres Assassinadas, uma agradável surpresa que muito nos honrou e que trouxe ao debate a visão atual no que respeita à violência de género em Portugal.

Esta foi uma noite de Igualdade muito especial porque, pondo fim a uma ausência de 5 anos das Noites da Igualdade, acontece no decorrer de um 8 de março fortíssimo, porque o ano começou tragicamente com a morte de 11 mulheres vítimas de violência doméstica que levou a ser decretado o dia 7 de março como dia de luto nacional. E esta é uma vio-

lência de género! Segundo Elisabete Brasil (baseando-se em vários estudos) “uma violência que, à diferenciação biológica existente entre homens e mulheres, faz corresponder uma diferente socialização; papéis sociais diferenciados para uns e para outras (...) É esta diferenciação que estrutura uma sociedade desigual (...) e que vai, a cada geração, reproduzindo de-

sigualdade de género, discriminando, mantendo uma ordem social e um contexto nos quais se enraízam e legitimam a violência contra as mulheres, naturalizando-a. É um contrato social, por vezes explícito, outras subentendido que fundamenta a violência doméstica”.

Hoje estamos em abril, falar em Abril é falar em Liberdade, precisamos que a liberdade chegue a todas as casas, precisamos de continuar a criar uma sociedade de homens e mulheres livres, uma sociedade mais justa. Podem continuar a contar com UMAR-Açores! ♦

Abril 2019**Janela sobre o passado...**

Ao longo dos anos 20, a França continuou a ser palco de lutas feministas. Algumas ativistas, como Nelly Roussel, chegaram a ser julgadas, por promoverem campanhas inspiradas no neomalthusianismo, ou seja, em defesa da esterilidade voluntária ou greve dos ventres. A ideia era a de contrariar a imagem e o papel da mulher como uma máquina obrigada a procriar e, ao mesmo tempo, procurar promover a maternidade consciente e responsável. O discurso feminista tendia a endurecer-se contra as mentalidades misóginas que teimavam em prevalecer e contra a posição das autoridades decididas em recuperar os efetivos populacionais perdidos na Grande Guerra. Nelly Roussel acabaria por associar o feminismo ao combate político, por considerar que além da luta contra a ordem burguesa e capitalista, as mulheres ainda tinham de batalhar contra as injus-

SUSANA
SERPA SILVA

tiças e os preconceitos que as faziam sofrer e que, na realidade, não emanavam da burguesia e do capitalismo, mas das mentalidades dominantes entre os homens e entre todas as classes sociais e partidos políticos. Após uma viagem de Madeleine Pelletier à Rússia, Nelly Roussel comprovou que, afinal, nem no país da revolução a condição feminina se alterara...

Apesar da sua morte prematura, Roussel viria a exercer uma grande influência sobre os movimentos feministas de décadas posteriores. Aliás, no mundo ocidental dos anos 30, os avanços da industrialização e os anseios por uma melhoria do nível de vida, tornaram-se motivos para a limitação da fertilidade, levando a contrapor a liberdade feminina às pressões e às políticas populacionistas. Enquanto na Alemanha nazi e antifeminista, se encorajavam as famílias numerosas para “engrandecimento da

Nelly Roussel
(janeiro, 1878-
dezembro, 1922).Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Nelly_Roussel

raça”, em França proibiu-se o aborto e a venda de contraceptivos. A encíclica papal Casta Conubii (1931) veio declarar que só a limitação “natural” da família não era pecado e mesmo na Grã-Bretanha ou nos EUA as reações ao planeamento familiar foram pouco favoráveis. Cerca de metade dos estados norte-americanos mantiveram leis oitocentistas que proibiam a venda e distribuição de contraceptivos. Na realidade, todas as classes praticavam o controlo da natalidade, mas só as mais favorecidas beneficiavam dos métodos recentes e seguros. Os que dispunham de menores recursos (financeiros e culturais), acabavam por ter o maior número de filhos enfrentando, por isso, inúmeras dificuldades. ♦